

PODCAST CIÊNCIA SUJA

Título: Sambaquis no Piauí: história loteada

THEO: Oi pessoal, estamos de volta e 2026 promete, porque o Ciência Suja vai seguir no esquema sem temporadas, com episódios saindo o tempo todo. Mas a gente vai começar janeiro, fevereiro e março um pouco mais devagar, até para balancear aquela loucura do fim do ano passado, e dar tempo para você ouvir os conteúdos que saíram, combinado? Então nesses dois meses, a gente vai soltar um episódio narrativo e talvez uns dois mesacasts. Mas vamos compensar isso com umas pílulas, como essa aqui.

THEO: Essa pílula, aliás, está muito boa. Quem tocou ela toda foi o Luan Matheus Santana, um jornalista excelente do Piauí, do Ocorre Diário, uma plataforma de comunicação popular e colaborativa que produz reportagens muito boas sobre a região. Eles têm um podcast também, “O Corre”, vale a pena conhecer. Então bora escutar o Luan, e o que ele descobriu sobre os sambaquis do Piauí.

SONORA CALUH

[Caluh] Quando eu vou na praia, o que eu gosto mais de fazer é caçar conchinha na areia.

[Luan] E quando tu cata conchinha, tu brinca do quê com as conchinhas?

[Caluh] eu faço casa, brinquedo, castelo...

LUAN: Sabe aqueles momentos de infância, das férias em família na praia? Se você não nasceu em uma cidade litorânea, arrisco dizer que essa pode ser uma das suas memórias mais marcantes. Bom, pelo menos é uma das minhas. E eu lembro bem que uma das minhas brincadeiras favoritas nessa época era procurar conchinhas na areia.

LUAN: Pelo visto, o meu filho, esse que você escutou agora, herdou o mesmo gosto que eu. Caluh tem 5 anos e procura conchas como quem descobre o mundo. E foi no litoral do Piauí, o menor do Brasil, que descobrimos que, mesmo em lugares tão pequenos, cabe um mundo inteiro.

LUAN: Catar conchinhas na praia não é só uma brincadeira de criança. Há milhares de anos, povos que viveram nas mesmas faixas de areia que a gente também eram “coletores de conchas”. Mas, diferente de nós, eles usavam essas conchas para fazer utensílios, enfeites — e, de modo planejado, iam acumulando tudo. Cada concha amontoada, cada fragmento, acabou formando monumentos de sociedades inteiras que viveram à beira-mar. Hoje, a ciência chama esses monumentos de sambaquis.

FRANCISCO JÚNIOR

Bom, sambaquis são sítios arqueológicos, são estruturas. Ele consiste basicamente em um aglomerado de conchas. Conchas que foram juntadas e depositadas propositalmente em um lugar.

LUAN: Esse que você escutou é o Francisco Júnior, um dos responsáveis por retomar as pesquisas sobre a arqueologia do litoral do Piauí. Ele é mestre em

arqueologia e indigenista especializado da Funai, que é a Fundação Nacional dos Povos Indígenas.

FRANCISCO JÚNIOR

Eu sou natural de Parnaíba, do litoral do Piauí. E, desde criança, eu tive oportunidades de conhecer as dunas, conhecer os manguezais, ouvir histórias dos pescadores, das marisqueiras, dos extrativistas.

LUAN: Histórias assim moveram — e continuam movendo — o Junior a buscar vestígios pré-históricos na beira do mar.

FRANCISCO JÚNIOR

A nossa intenção era trazer à tona uma discussão sobre arqueologia costeira e demonstrar a importância do litoral do Piauí para as pesquisas arqueológicas também.

LUAN: Foi assim que ele chegou aos sambaquis. E não é para você se achar ignorante se está ouvindo falar pela primeira vez desses sítios arqueológicos. Apesar do grande valor histórico, eles são pouco conhecidos mesmo.

LUAN: A palavra “sambaqui” vem do tupi: “tamba” quer dizer concha; e “ki” significa amontoado.

FRANCISCO JÚNIOR

Ela por si já demonstra a principal característica desses sítios, que consiste na deposição de restos de bivalves e gastrópodes.

LUAN: Os bivalves, que o Francisco Júnior citou, são as ostras. E os gastrópodes são caracóis. Agora ficou mais fácil, né. E são exatamente as conchas desses moluscos que acumulam vestígios da vida e da morte de grupos humanos pré-históricos.

FRANCISCO JÚNIOR

Além disso, acompanham essas estruturas diversas evidências de cultura material: restos cerâmicos, fragmentos de pedras lascadas, pedras polidas. Então esses vestígios demonstram que ali havia uma ocupação histórica dos povos indígenas que ocupavam uma extensa faixa da costa brasileira e também se distribuem ao longo do vale de alguns rios.

LUAN: Assim como os muitos povos que ergueram esses monumentos, os sambaquis não são iguais. No Sul e Sudeste do país, eles chegam até 30 metros de altura. Mas aqui no Nordeste, eles são mais tímidos, mais baixinhos.

FRANCISCO JÚNIOR

Isso tem uma relação direta com as diferenças culturais, as relações com os territórios, a forma como esses povos indígenas historicamente se relacionavam com essa paisagem.

LUAN: Quando a gente olha para os sambaquis, a primeira impressão é que eles são só um amontoado de restos de comida — quase uma “lixreira” pré-histórica.

Mas, quando os pesquisadores começaram a cavar mais fundo, eles encontraram mais coisas, inclusive esqueletos humanos. E isso mudou tudo.

FRANCISCO JÚNIOR

É uma evidência extremamente importante, porque demonstra essa monumentalidade, essa escolha. Havia uma escolha cultural desses povos na construção desses lugares.

LUAN: A partir daí, ficou claro que os sambaquis também funcionavam como cemitérios e, pela localização e pelo tamanho, também como monumentos que marcavam um território, mostrando qual grupo vivia naquela região.

LUAN: Os restos de peixes e moluscos revelaram que esses povos eram pescadores e coletores. Alguns sambaquis levaram até mil anos para serem erguidos. Isso indica que esses grupos não eram nômades — eles viviam ali, de forma permanente e organizada.

LUAN: No fim, esses montes de conchas dizem muito mais sobre o que nós fomos do que a gente imagina. E se isso é verdade, o que os sambaquis do litoral do Piauí dizem especificamente sobre os povos que habitaram essa região?

FRANCISCO JÚNIOR

Bom, interessante também essa pergunta, mas, para respondê-la, eu preciso voltar um pouco no tempo para apresentar um panorama das pesquisas arqueológicas no litoral do piauí.

LUAN: Então vamos voltar. Diferente de outras regiões, no Piauí as pesquisas com sambaquis são mais recentes. O primeiro trabalho foi feito na década de 1990, pelo Grupo de Estudo Histórico e Geográfico na Universidade Federal do Piauí, a UFPI, onde o Júnior fez seu mestrado. Mas foi só em 2017 que um trabalho de fôlego conseguiu mapear o conjunto dessas formações e identificar suas características principais.

FRANCISCO JÚNIOR

As características do material cerâmico, nós identificamos diferentes cerâmicas distribuídas ao longo desses sítios. Gastrópodes, bivalves, que tipos de espécie existiam. Materiais de pedra polida, lascada que pudessem existir.

LUAN: No Piauí, os sambaquis estão concentrados entre os municípios de Cajueiro da Praia e Luís Correia — dá uns 59 quilômetros entre um e outro. E nessas andanças, o Francisco Junior não identificou apenas os sambaquis. Ele e os colegas dele viram também os riscos que ameaçam a existência desses sítios, como o avanço do nível do mar, que tem a ver com a emergência climática.

FRANCISCO JÚNIOR

Mas também com o avanço de construções irregulares, empreendimentos, rodovias, estradas, que estavam sendo construídas e que estavam impactando diretamente esses sítios arqueológicos.

LUAN: Para quem vive ali, na beira da praia, não é difícil perceber isso que o Junior

está falando. Em meio a tantas histórias que emolduram nosso passado, o presente chegou com pressa.

ADRIANA MARCIA

Cara, isso aqui era só areia, sabe?

LUAN: Agora é asfalto, prédio, máquina.

ADRIANA MARCIA

E essa transformação que você vê aqui hoje é uma transformação que vem da pandemia pra cá!

LUAN: Essa é a voz da Adriana Marcia. Ela mora há quase 20 anos em uma casa de frente pro mar da Barrinha, praia que pertence ao município de Cajueiro da Praia.

ADRIANA MARCIA

Eu vim pra cá de 2008 para 2009.

LUAN: A Adriana testemunhou de perto todas as mudanças que esse território sofreu nas últimas duas décadas. Algumas boas:

ADRIANA MARCIA

Olhe, quando eu cheguei já tinha casa de alvenaria, porque os programas sociais realmente trouxeram mudanças na vida das pessoas, né”

LUAN: Outras, nem tanto:

ADRIANA MARCIA

E quando a Rosário chega aqui, ela chega dentro dessa lógica rústica mesmo, coisa bem natural, ainda tinha muitos morros de areia, que já foram tudo pegos para fazer construção

LUAN: A Rosário que a Adriana mencionou é uma amiga com quem ela divide a casa e décadas de histórias. As duas viram a barrinha sair de uma comunidade muito empobrecida para uma praia loteada por resorts e hotéis de luxo.

ADRIANA MARCIA

Quando eu cheguei não tinha toda essa estrutura não, de jeito nenhum. A comunidade vivia dentro do seu costume mesmo, da pesca, já tinha essas fábricas de peixe, fábricas de camarões, aliás. Ao longo do processo da pandemia, nós conseguimos visualizar, porque até para visualizar era complicado, porque foi tão rápido. É como se tivesse uma maquete já pronta, aí na hora que chegou a pandemia, que não tinha fiscalização, os caras vieram e pá! A especulação imobiliária veio muito forte, muito forte.

LUAN: Mas o desenvolvimento do turismo na região não trouxe melhorias concretas para a vida da comunidade, que continua muito carente. Ao contrário, ele trouxe muitos impactos negativos.

ADRIANA MARCIA

A primeira é a restrição do direito de ir e vir dos nativos. Segundo é a exploração do trabalho, porque aqui pagam uma miséria para eles fazerem limpeza, um monte de coisas, e pagam muito mal.

LUAN: Enquanto a arqueologia escava o solo pra entender quem fomos, a narrativa de Adriana escava a vida cotidiana para mostrar quem estamos nos tornando. Quando ela se deu conta de toda a memória que estava nos aeradores da sua casa, já não tinha mais muito o que se fazer.

ADRIANA MARCIA

O sítio foi lá na SPU, porque, na época, quando os nativos começaram a fazer uma ocupação para eles mesmos, porque ninguém nem tinha ideia comercial...

LUAN: SPU é a Superintendência de Patrimônio da União. E o sítio que a Adriana está falando é um dos 22 sítios arqueológicos registrados em Cajueiro da Praia pelo IPHAN, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

ADRIANA MARCIA

Aí o SPU veio com essa justificativa de que era sítios arqueológicos que eles não podiam fazer. Aí eles foram e se retraíram. Aí depois veio a especulação imobiliária, que veio e não teve esse respeito...

LUAN: Então a comunidade respeitou os sambaquis. Muitos nativos talvez nem tivessem noção do que aqueles sítios significavam, mas como bons guardiões da memória, eles entenderam que aqueles amontoados queriam dizer alguma coisa. Já a especulação imobiliária não. Tem uma corrida silenciosa acontecendo no litoral do Piauí. Ali mesmo pertinho da casa da Adriana, loteamentos e resorts brotam na beira do mar.

LUAN: Na comunidade Morro Branco, que também fica em Cajueiro da Praia, a empresa “Condomínio Villas Morro Branco” começou a anunciar, em 2023, a venda de 480 lotes para construção de condomínios de luxo. Todos com seus devidos documentos, com estrutura e urbanização. Eram quase 20 hectares de terra. Mas tinha um detalhe: essas terras estavam dentro da Área de Proteção Ambiental do Delta do Rio Parnaíba — a APA Delta. Essa é uma área de propriedade da União, sujeita à legislação ambiental específica e que era usada pelos moradores nativos desde seus antepassados para a agricultura, principalmente. Em 2024, a Defensoria Pública da União entrou com um recurso e, em agosto do ano passado, a Justiça concedeu a posse da área para os pescadores e agricultores nativos.

LUAN: E o mais grave é que essa pressa em vender vista para o mar não está só mudando a paisagem; está apagando memória também. Na Ponta do Socó, outra comunidade que fica em Cajueiro da Praia, um resort de luxo está sendo erguido desde 2022. Uma obra já embargada e liberada pela Justiça várias vezes.

LUAN: O Ministério Público Federal moveu ação contra o empresário Fábio Jupi para recuperar 17 hectares da União ocupados irregularmente, onde ele

construiu o resort Socó Beach Residence. E isso sem licença ambiental ou autorização da Superintendência do Patrimônio da União, a SPU. A área abriga sambaquis, o Monumento Natural das Itans e sítios arqueológicos milenares, além de ecossistemas sensíveis como manguezais e berçários de tartarugas e peixes-boi. Mesmo após uma liminar determinando a paralisação, multas e desocupação, a obra continuou, devastou o mangue e fechou acesso das comunidades. E, para piorar, decisões judiciais posteriores suspenderam as ordens de demolição. O caso agora está no Superior Tribunal de Justiça.

LUAN: A gente aqui, no O Corre Diário, investigou esses casos e, se você quiser mais detalhes, é só acessar o site deles. É fácil de achar: ocorrediariorio.org.

LUAN: Bom, esse é o tipo de coisa que todo mundo vê, mas quase ninguém fala: quanto vale um pedaço de passado quando o mercado descobre que ali cabe um hotel?

ADRIANA MARCIA

O que eu sabia são três sítios arqueológicos aqui pra trás...

[Luan] Que é onde está sendo construída essa obra.

[Adriana] Isso, ali. Teve uma época, que tinha um pescador — e eu me arrependo de não ter pego essas coisas —, ele disse: “Dri, leva essas coisas para tu guardar”. E eu disse: “não!” São seus achados: pedaço de machado, prato feito de barro. A casa dele é da avó, que é a dona Ursula. Nas escavações, para montar a estrutura da casa, eles encontravam essas coisas...

LUAN: São fragmentos da história da humanidade que, pouco a pouco, vão sendo soterrados por casas de veraneio, resorts e etc. A Barrinha de hoje revela um território transformado em mercadoria, acelerado, desfigurado, onde a história vale menos que uma cerca.

FRANCISCO JÚNIOR

Alguns desses sítios, por exemplo, eu não pude visitá-los, porque estão em grandes fazendas de carcinicultura, e outros já em áreas cercadas de propriedade privada para a construção de resorts e hotéis.

LUAN: Isso representa a perda da história, significa que a ciência não vai conseguir entender algumas coisas que aconteceram ali, e que poderiam nos ajudar. Mas se engana quem pensa que essa disputa é só sobre o passado.

FRANCISCO JÚNIOR

São histórias continuadas. É a continuidade das vidas dessas pessoas: os seus ancestrais depositaram ali materiais históricos onde essas populações estão vivendo hoje. Então são territórios que historicamente foram sendo manejados, ocupados por populações de pescadores, marisqueiras, extrativistas.

LUAN: Essas pessoas vivem sob as incertezas de um progresso que não enxerga o passado, de um desenvolvimento que não olha para as pessoas.

FRANCISCO JÚNIOR

Que essas comunidades tradicionais, elas mantêm e protegem esses sítios arqueológicos. Por séculos, eles estiveram ali protegidos e mantidos por esses povos. Mas por uma pressão externa advinda de grandes redes de hotéis, de especulação imobiliária, de empreendimentos como carcinicultura, estrada, parques eólicos, dentre outros, esses sítios têm sido impactados.

LUAN: Entre o solo e a vida, uma mesma história se repete: a de povos que tentam permanecer enquanto o mundo insiste em apagá-los. A perda do território atinge a memória coletiva e o direito constitucional do modo de vida tradicional. Os sambaquis nos lembram que a terra tem memória. E que soterrar o passado é também abrir caminho para o esquecimento.

CRÉDITOS

THEO: É isso, a primeira pílula do Ciência Suja de 2026 foi produzida pelo Luan Matheus Santana. Belíssimo conteúdo, Luan, obrigado por trazer essa história para a gente.

LUAN: Oi Theo, eu que agradeço. É uma honra para mim estar aqui no Ciência Suja, um podcast que eu admiro muito e que eu me espelho para o trabalho que a gente tem feito aqui no Piauí e no Maranhão. Que a gente possa estar juntos em outros momentos.

THEO: A edição do roteiro foi feita por mim, com apoio do resto do time. O Luan gravou na casa dele, com apoio e orientação do Felipe Barbosa.

THEO: A edição de som, as trilhas e a mixagem são também do Felipe Barbosa.

THEO: A Mayla Tanferri fez o nosso projeto gráfico.

THEO: O site do podcast foi desenvolvido pelo Estúdio Barbatana. Lá você tem mais informações sobre como consegue ajudar a gente a seguir com o Ciência Suja, e os bônus que recebe ao participar do financiamento coletivo. É www.cienciasuja.com.br

THEO: Você encontra mais informações nas nossas redes sociais, que são tocadas pelo Pedro Belo. O Ciência Suja está no Instagram, Facebook, TikTok, Twitter e Blue Sky.

THEO: O Ciência Suja tem apoio do Instituto Serrapilheira, que fomenta a ciência e a comunicação de ciência no Brasil.